

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

2008

Orquestra
Filarmônica
de Liège

Pascal Rophé
Regência

Susan
Graham
Mezzosoprano

Orquestra Filarmônica de Liège

A Orchestre Philharmonique de Liège – OPL foi fundada em 1960 e é a única formação sinfônica da Comunidade Francófona da Bélgica. Apoiada pelo governo da Comunidade, pela Cidade e pela Província de Liège, e reconhecida pela imprensa internacional como o melhor conjunto sinfônico da Bélgica, a Orquestra apresenta cerca de 80 concertos por temporada, metade dos quais na Sala Filarmônica de Liège, sua residência, e também no Palácio de Belas-Artes de Bruxelas, na Filarmonia de Luxemburgo, no *Auditorium du Nouveau Siècle* de Lille e no Teatro *Het Vrijthof*, em Maastricht.

Foi Fernand Quinet, Diretor do Conservatório de Liège, quem conseguiu que se criasse em Liège, em 1960, uma orquestra profissional subvencionada, da qual ele se tornaria o primeiro Diretor Musical. Organizou-se então um concurso e foram recrutados 71 músicos. Em 1964, o francês Manuel Rosenthal sucedeu Quinet à frente do grupo e passou a enfatizar a música francesa e a música do século XX. Entre 1967 e 1977, o norte-americano Paul Strauss reforçou a disciplina e a coesão do conjunto, e ao longo de sua Direção a Orquestra gravaria seus primeiros discos. De 1977 a 1999, Pierre Bartholomé expandiu o repertório da Orquestra e intensificou o estímulo e a divulgação da criação contemporânea. Em 1999, a designação do francês Jean-Pierre Rousseau como Diretor do grupo marcaria o início de uma nova era, levada adiante primeiramente por Louis Langrée (2001/2006) e desde 2006 por Pascal Rophé, que sublinharam a identidade da Orquestra e sua tradição de excelência na interpretação da música francesa, do repertório do século XX e de abertura à criação contemporânea. Em setembro de 2009, François-Xavier Roth sucederá Pascal Rophé como Diretor Musical da Filarmônica de Liège, que em 2010 comemora seu 50º aniversário.

O repertório da Orquestra estende-se dos “clássicos” do século XVIII à música contemporânea e dispensa grande atenção aos compositores franceses. Sob regência de Rophé, o conjunto tem oferecido leituras de referência de obras de autores como Darvishi, Dillon, Dusapin, Fafchamps, Jarrell, Ligeti, Mantovani, Tanguy e Williams, e tem praticado uma política de abertura a todos os públicos, por meio da realização de concertos comentados, tribunas discográficas, festivais temáticos e concertos “ao alcance das crianças”. A Orquestra é a gestora da Sala Filarmônica de Liège, o que lhe permite ampliar sua

atuação e programar também música de câmara, música barroca, as músicas do mundo e música para órgão.

A Filarmônica de Liège desempenha importante papel na promoção e divulgação de artistas belgas – como Patrick Davin, Philippe Pierlot, Yossif Ivanov, Jean-Claude Vanden Eynden, Véronique Bogaerts, Anne Froidebise, Geoffrey Baptiste, Alexander Gurning, Marie e Sophie Hallynck, Céline Scheen, Jean-Luc Votano, Guy Van Waas, Julien Libeer, Jean-Philippe Merckaert e Guy Penson –, bem como de musicistas ainda pouco conhecidos na Bélgica – como Gabriela Montero, Denis Matsuev, Jean-Frédéric Neuburger, Stefan Vladar, Kirill Karabits e Hannu Lintu.

Turnês internacionais têm sido parte integrante da história da Orquestra: em 1987, o conjunto apresentou-se nos Estados Unidos, em 1990 no Japão, em 1998 na América do Sul. Ao longo dos últimos dez anos, a Filarmônica de Liège realizou turnês na Suíça (1999 e 2007), na Alemanha (2001 e 2005), na Espanha (1999, 2003 e 2007), na França (onde toca regularmente em Paris), na Croácia e na Áustria (2005). Ao longo da Temporada 2007/2008, o conjunto toca em Charleroi, Mons, Turnhout, Verviers, Sankt-Vith, assim como em Essen e Estrasburgo (*Festival Musica*) e também em turnê na América do Sul.

Desde 2000, a Orquestra gravou 18 CDs, que abrangem amplo arco de repertório: música de compositores belgas (Dupuis, Jongen, Mathieu e Souris), obras dos clássicos (Mozart, Weber e Rossini), românticos e modernos (Schumann, Saint-Saëns, Liszt, Franck, Lalo, Chausson, Caplet, Ravel, Schulhoff e Poulenc) e a escrita contemporânea (Dutilleux, Escaich e Mernier). Essa discografia foi agraciada com numerosos prêmios (*Diapason d’Or*, *Victoire de la Musique Classique*, *Grand Prix de l’Académie Charles Cros* e *Prix Caecilia*, dentre outros). Sua última gravação, realizada na primavera europeia de 2008, é dedicada a obras de Millhaud e conta com a colaboração de Paul Meyer, Éric Le Sage, Fabrice Moretti e Geert Verschraegen como solistas. Ainda neste ano, será lançado o álbum *Solos para Orquestra* de Pascal Dusapin, que o maestro Rophé gravou com a Filarmônica de Liège.

A Filarmônica de Liège tem alcançado expressiva audiência nacional e internacional graças também à sua parceria com *Musiq’3*, emissora de música erudita da Rádio e Televisão Belgas Francófonas, que pode ser ouvida pela internet em <http://www.musiq3.be/index.htm>.

Orquestra Filarmônica de Liège

Jean-Pierre Rousseau Diretor Geral

Pascal Rophé Diretor Musical

Diretores Musicais Fernand Quinet † (1960/1964),
Manuel Rosenthal † (1964/1967), Paul Strauss † (1967/1977),
Pierre Bartholomée (1977/1999), Louis Langrée (2001/2006)

Spalla

Richard Piéta

Primeiros Violinos

Emilie Belaud *Solista 1*
Olivier Giot *Solista 1*
Izumi Okubo *Solista 2*
Maria Baranowska
Ann Bosschem
Yinlai Chen
Sophie Cohen
Pierre Cox
Anne-Marie Denutte
Hanxiang Gong
Nathalie Huby
Hélène Lieben
Barbara Milewska
Anne-Lise Parotte
Payambe Reyes-Vermot
Laurence Ronveaux

Segundos Violinos

Sue-Ying Koang *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Maria Osinska *Solista 2*
Michèle Compere
Myriam Czaja
François Dopagne
Audrey Gallez
Christían Gerstmans
Roland Heukmes
Laurence Koch
Reni Manolova
Aude Miller
Ryo Mizota
Urszula Padala
Alès Ulrich

Violas

Ning Shi *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Artur Toth *Solista 2*
Patrick Heselmans *Solista 2*
Corinne Cambron
Sarah Charlier
Patrick Dussart
Eric Gerstmans
Isabelle Herbin
Sigrid Keunen
Juliette Marichal
Barbara Peynsaert
Yvan Wirth

Violoncelos

Remy Degroote *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Jean-Pierre Borboux *Solista 2*
Theo Schepers *Solista 2*
Etienne Capelle
Gerardus Chappin
Cécile Corbier
Marie-Nadège Desy
Martin Hesselbein
Dina Meunier
Olivier Vanderschaeghe

Contrabaixos

Hristina Farthanova *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Mario Maurano *Solista 2*
Francis Bruyere
Francis Danloy
Gérard Douez
Miklos Hosszu
Italo Mazzucchelli
Gergana Terziyska

Flautas

Valérie Debaele *Solista 1*
Toon Fret *Solista 1*
Liesbet Driegelinck *Solista 2*
Cyrielle Lefevre *Solista 2*

Piccolo

Cyrielle Lefevre *Solista 1*

Oboés

Sylvain Cremers *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Sébastien Guedj *Solista 1*
Alain Lovenberg *Solista 2*
Philippe Grauvogel *Solista 2*

Corne Inglêss

Alain Lovenberg *Solista 1*
Philippe Grauvogel

Clarinetas

Jean Luc Votano *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Theo Van Hove *Solista 1*
Martine Leblanc *Solista 2*
Pierre Xhonneux *Solista 2*

Clarone

Martine Leblanc *Solista 1*

Fagotes

Pierre Kerremans *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Joanie Carlier *Solista 1*
Philippe Uyttebrouck *Solista 2*
Bernd Wirthle *Solista 2*

Contrafagotes

Philippe Uyttebrouck *Solista 1*
Bernd Wirthle *Solista 2*

Trompas

Nico De Marchi *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Bruce Richards *Solista 1*
David Lefevre *Solista 2*
Geoffrey Guerin *Solista 2*
Nigel Munisamy *Solista 2*

Trompetes

Jean Lambert *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Francois Ruelle *Solista 1*
Sebastien Lemaire *Solista 2*
Philippe Ranallo *Solista 2*

Trombones

Alain Pire *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Gérald Evrard *Solista 1*
Pierre Schijns *Solista 1*

Tuba

Carl Delbart *Solista 1*

Percussão

Jean-Marc Leclercq *Solista 1 / Chefe de Naípe*
Arne Lagatie *Solista 1*
Peter Van Tichelen *Solista 1*
Carlo Willems *Solista 2*

Timpanos

Stefan Mairesse *Solista 1 / Chefe de Naípe*

Pascal Rophé

Regência

Nascido em Paris, em 1960, Pascal Rophé é Diretor Musical da Orquestra Filarmônica de Liège desde setembro de 2006. Premiado na edição de 1988 do Concurso Internacional de Jovens Regentes de Besançon, Rophé é rigoroso, exigente, tem ouvido apurado, domina extenso repertório, decifra incessantemente novas partituras, concebe mil projetos e vem atuando regularmente também na França, na Grã-Bretanha, na Suíça, na Itália, na Finlândia, na Coreia e no Japão. Desde 1992, tem colaborado com Pierre Boulez e David Robertson e dirige com frequência o *ensemble intercontemporain*.

Reconhecido como destacado especialista da música dos séculos XX e XXI, Pascal Rophé também aborda o grande repertório sinfônico e tem se apresentado como Regente Convidado de prestigiosos conjuntos franceses, como as Orquestras de Paris, Lyon e da *Radio France*. Dentre os compromissos vindouros de Pascal Rophé como Maestro Convidado destacam-se concertos com as seguintes formações: Orquestras *Philharmonia* e da *BBC* de Londres, Orquestras da Rádio de Dublin e da *RAI* de Turim, Orquestra Verdi de Milão, Filarmônica da *Radio France*, *Orchestre de la Suisse Romande*, Filarmônica da Rádio Holandesa e Filarmônica de Seul.

Nesta sua temporada à frente da Orquestra de Liège, Rophé rege amplo repertório, que se estende dos “clássicos” (Beethoven, Mendelssohn, McDowell, Bizet, Brahms, Saint-Saëns, Franck, Dvorák, Rimsky-Korsakov, Chausson e Dukas) aos criadores de hoje (Darvishi, Dillon, Dusapin, Fafchamps, Jarrell, Ligeti, Mantovani, Schnyder, Tanguy e Williams), passando pelos grandes compositores do século XX (Richard Strauss, de Falla, Gershwin, Copland, Barber, Debussy, Ives, Jongen, Bartók, Kodály, Prokofiev, Stravinsky, Szymanowski, Varèse e Messiaen). No outono europeu de 2007, o maestro esteve à frente de apresentações da Filarmônica de Liège em Estrasburgo – no *Festival Musica* – e em turnê na Suíça.

Bastante ativo também como regente de ópera, Pascal Rophé tem liderado produções líricas no *Théâtre du Châtelet*, na Ópera de Lyon, no *Théâtre Mogador*, no Festival da Primavera de Budapeste, na Ópera de Roma e com a *Orchestre National d'Île de France* e a *Glyndebourne Touring Opera* (*Pelléas et Mélisande*) Em janeiro de 2006, esteve à frente da estréia de *Galilée*, de Michael Jarrell, no *Grand Théâtre de Genève*; em 2008, rege versão concerto de *L'Autre Côté*, de Bruno Mantovani, na *Cité de la Musique*, em Paris; e em 2010 retornará ao Festival de Glyndebourne.

A discografia de Pascal Rophé tem sido agraciada com diversas distinções. Com a Filarmônica de Liège, gravou obras de Thierry Escaich (prêmios *Diapason d'Or* de 2002 e *Victoire de la Musique Classique* de 2003), Saint-Saëns e Jongen (ao lado de Olivier Latry, no órgão restaurado da Sala Filarmônica de Liège) e de André Caplet e Henri Dutilleux (com o violoncelista Marc Coppey). Também registrou obras de Éric Tanguy (com a *Orchestre National de France*, prêmio *Choc du Monde de la Musique*), Pascal Dusapin (*Diapason d'Or*), Fedele e Dallapiccola (com a Orquestra da *RAI* de Turim). Suas gravações mais recentes são um álbum com obras concertantes de Michael Jarrell (com Emmanuel Pahud, François Leleux, Paul Meyer e a *Orchestre de la Suisse Romande*) e outro com obras orquestrais especializadas de Marc André Dalbavie, registrado com a Filarmônica da *Radio France*. Ainda neste ano, será lançado o álbum Solos para Orquestra de Pascal Dusapin, que o maestro Rophé gravou com a Filarmônica de Liège.

Paralelamente à sua carreira como regente, Pascal Rophé ministra *master classes* de regência no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris.

Fonte: <http://www.opl.be/fr/main.html>

Susan Graham

Mezzosoprano

Uma das grandes estrelas atuais da ópera, a norte-americana Susan Graham – cantora-atriz versátil e carismática – possui público internacional cativo. Sua dedicação à música francesa lhe valeu do governo da França o grau de *Commandeur dans l'Ordre des Arts et des Lettres*. Nesta temporada, a artista canta quase exclusivamente o repertório francês – da versão original (1779) de *Iphigénie en Tauride*, de Gluck, a *Shéhérazade*, de Ravel, passando por três grandes obras de Berlioz: *La Mort de Cléopâtre*, *Les Nuits d'Été* e *L'Enfance du Christ*.

O repertório de Susan Graham inclui as principais partes de *mezzosoprano* dos repertórios barroco, clássico e contemporâneo, que vem cantando em teatros como o *Metropolitan* de Nova Iorque, o *Scala* de Milão, o *Covent Garden* de Londres, a Ópera de Viena, a Ópera de Paris, a *Semperoper* de Dresden e no Festival de Salzburgo, dentre outras salas e festivais. Muito requisitada em seu país e no estrangeiro, Graham tem encantado as platéias com sua voz, sua naturalidade e suas interpretações arrebatadoras.

Dentre os compromissos artísticos da cantora nesta temporada destacam-se: concerto de gala da abertura da *season* anual da Sinfônica de Boston, cantando *Shéhérazade* (regência de James Levine); colaborações com a Sinfônica de St. Louis (regência David Robertson), a Filarmônica de Nova Iorque (Lorin Maazel) e a Filarmônica de Berlim (Simon Rattle), interpretando a cantata de Berlioz *La Mort de Cléopâtre*; aparições como solista de concerto com a Sinfônica de Chicago (Pierre Boulez) e a *Orchestre de Paris* (Christoph Eschenbach), cantando *Les Nuits d'Été*, de Berlioz; e apresentações do drama sacro *L'Enfance du Christ*, também de Berlioz, com a orquestra *Tonhalle* de Zurique (Charles Dutoit).

Após uma temporada ausente do *Metropolitan* de Nova Iorque, em 2007/2008 Susan Graham retorna ao palco dessa casa em nova produção de *Iphigénie en Tauride*, que Stephen Wadsworth criou especialmente para ela; ainda no *Metropolitan*, reinterpreta um de seus grandes papéis masculinos, *Sesto*, em *La Clemenza*

di Tito, de Mozart, e na Ópera de São Francisco volta a cantar um de seus melhores papéis *en travesti*, *Ariodante*, da obra homônima de Haendel. Além de cumprir movimentada agenda de concertos e óperas, Susan Graham realiza ainda recitais – com seu colaborador habitual, o pianista Malcolm Martineau – no *Wigmore Hall* de Londres, no Auditório Nacional de Madri, no *Concertgebouw* de Amsterdã e no *Théâtre du Châtelet* de Paris.

Ao longo das últimas temporadas líricas e de concerto, Susan Graham destacou-se também em títulos como *L'Incoronazione di Poppea* (Monteverdi), *A Viúva Alegre* (Lehár), *An American Tragedy* (Tobias Picker), *The Great Gatsby* (John Harbison), em recitais com Malcolm Martineau, em concertos orquestrais com as Sinfônicas de São Francisco e Chicago, a Sinfônica da Cidade de Birmingham e a *Deutsches Symphonie-Orchester* de Berlim e, ainda, em recitais com o pianista francês Pierre-Laurent Aimard, na Ópera de Paris.

A discografia de Susan Graham inclui óperas completas e recitais e já foi agraciada com dois importantes prêmios: um *Grammy* (pelo álbum *Canções de Charles Ives*, gravado com o pianista Pierre-Laurent Aimard) e o Prêmio Maria Callas (pela gravação da ópera *Dido and Aeneas*). Os demais álbuns da cantora são *Alcina* (Haendel), *Iphigénie en Tauride* (Gluck), *Vanessa* (Barber), *Dead Man Walking* (Jake Heggie), o DVD com *Les Troyens* (em que interpreta *Didon*, em *performance* regida por Gardiner, no *Théâtre du Châtelet*) e o CD *Poèmes d'Amour*, com gravações de *Shéhérazade*, de Ravel, e de *Poème de l'Amour et de la Mer*, de Chausson.

Nascida no Novo México e criada no Texas, Susan Graham estudou na *Texas Tech University* e na *Manhattan School of Music*. Vencedora do certame *Metropolitan Opera National Council Auditions* e do Prêmio Schwabacher, do *Merola Program* da Ópera de São Francisco, foi eleita Vocalista do Ano de 2004 pela *Musical America*. Em 2006, a cidade de Midland, onde foi criada no Texas, declarou o dia 5 de setembro "Dia de Susan Graham".

Fonte: <http://www.susangraham.com/about.htm>

SÉRIE BRANCA

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
18 DE AGOSTO, SEGUNDA-FEIRA, 21H

César Franck (1822 – 1890)

Le Chasseur Maudit (O Caçador Maldito), Poema Sinfônico c. 15'

Hector Berlioz (1803 – 1869)

Les Nuits d'Été (As Noites de Verão)

Seis Melodias com Acompanhamento de Pequena Orquestra

(poemas de Théophile Gautier) c. 30'

Villanelle (Vilanela) – Allegretto

Le Spectre de la Rose (O Espectro da Rosa) – Adagio un poco lento
e dolce assai

Sur les Lagunes. Lamento (Nas Lagunas. Lamento) – Andantino

Absence (Ausência) – Adagio

Au Cimetière. Clair de Lune (No Cemitério. Luar) – Andantino non
troppo lento

L'Île Inconnue (A Ilha Desconhecida) – Allegro spiritoso

intervalo

Claude Debussy (1862 – 1918)

La Mer (O Mar)

Três Esboços Sinfônicos para Orquestra c. 25'

De l'aube à midi sur la mer (Da alvorada ao meio-dia no mar)

Jeux de vagues (Jogos de ondas)

Dialogue du vent et de la mer (Diálogo do vento e do mar)

SÉRIE AZUL

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
19 DE AGOSTO, TERÇA-FEIRA, 21H

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Hector Berlioz (1803 – 1869)

Le Carnaval Romain (O Carnaval Romano), opus 9 c. 10'

Hector Berlioz (1803 – 1869)

Les Nuits d'Été (As Noites de Verão)

Seis Melodias com Acompanhamento de Pequena Orquestra
(poemas de Théophile Gautier) c. 30'

Villanelle (Vilanela) – Allegretto

Le Spectre de la Rose (O Espectro da Rosa) – Adagio un poco lento
e dolce assai

Sur les Lagunes. Lamento (Nas Lagunas. Lamento) – Andantino

Absence (Ausência) – Adagio

Au Cimetière. Clair de Lune (No Cemitério. Luar) – Andantino non
troppo lento

L'Île Inconnue (A Ilha Desconhecida) – Allegro spiritoso

intervalo

César Franck (1822 – 1890)

Sinfonia em Ré menor c. 45'

Lento – Allegro non troppo

Allegretto

Allegro non troppo

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

Hallé Orchestra, Manchester

Sir Mark Elder Diretor Musical

Polina Leschenko Piano

Concertos Amarelos, 2 de setembro, terça-feira

Richard Strauss Don Juan

Grieg Concerto para Piano e Orquestra

Wagner Prelúdio do 1º ato de Lohengrin

Elgar Variações Enigma

Concertos Vermelhos, 3 de setembro, quarta-feira

Verdi Abertura de I Vespri Siciliani

Liszt Concerto para Piano e Orquestra nº 1

Debussy (orquestração Matthews) Prelúdios
– uma seleção

Shostakovich Sinfonia nº 1

Teatro Cultura Artística

Hespèrion XXI

La Capella Reial de Catalunya

Jordi Savall Regência e Viola da Gamba

Montserrat Figueras Soprano

Série Branca, 16 de setembro, terça-feira

A Rota do Novo Mundo: música no encontro entre
as culturas da Antiga Ibéria e do Novo Mundo

Série Azul, 18 de setembro, quinta-feira

Paraísos Perdidos: músicas árabe-andaluzas,
judias e cristãs da Antiga Hespéria

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2008
encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br
uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

LES NUITS D'ÉTÉ

AS NOITES DE VERÃO

Poemas de Théophile Gautier

1. VILLANELLE

Quand viendra la saison nouvelle,
Quand auront disparu les froids,
Tous les deux nous irons, ma belle,
Pour cueillir le muguet aux bois ;
Sous nos pieds égrenant les perles,
Que l'on voit au matin trembler,
Nous irons écouter les merles
Nous irons écouter les merles siffler.

Le printemps est venu, ma belle,
C'est le mois des amants béni,
Et l'oiseau, satinant son aile,
Dit des vers au rebord du nid.
Oh ! viens, donc, sur ce banc de mousse
Pour parler de nos beaux amours,
Et dis-moi de ta voix si douce,
Et dis-moi de ta voix si douce : "Toujours".

Loin, bien loin, égarant nos courses,
Faisant fuir le lapin caché,
Et le daim au miroir des sources
Admirant son grand bois penché ;
Puis chez nous, tout heureux, tout aises,
En panier enlaçant nos doigts,
Revenons rapportant des fraises
Revenons rapportant des fraises des bois.

2. LE SPECTRE DE LA ROSE

Soulève la paupière close
Qu'éffleure un songe virginal,
Je suis le spectre d'une rose
Que tu portais hier au bal.
Tu me pris encore emperlée
Des pleurs d'argent de l'arrosoir,
Et parmi la fête étoilée
Tu me promenas tout le soir.

O toi, qui de ma mort fut cause,
Sans que tu puisses le chasser,
Toutes les nuits mon spectre rose
A ton chevet viendra danser.
Mais ne crains rien, je ne réclame
Ni messe ni De Profundis ;
Ce léger parfum est mon âme,
Et j'arrive du Paradis.

Mon destin fut digne d'envie,
Et pour avoir un sort si beau
Plus d'un aurait donné sa vie,
Car sur ton sein j'ai mon tombeau,
Et sur l'albâtre où je repose
Un poète avec un baiser
Écrivit : Ci-git une rose
Que tous les rois vont jalouser.

1. VILANELA

*Quando chegar a nova estação,
Quando o frio for-se embora,
Nós dois iremos, minha bela,
Colher lírios no bosque;
Desfiando com os pés as pérolas de orvalho
Que tremem à luz da manhã,
Nós iremos ouvir os melros,
Nós iremos ouvir os melros piar.*

*A primavera chegou, minha bela,
É a abençoada estação dos amantes,
E o pássaro, de asa acetinada,
Diz seus versos à beira do ninho.
Oh! Vem então, sobre o banco de musgo,
Falar de nossos belos amores,
E me diz com tua voz tão doce,
E me diz com tua voz tão doce: "Sempre".*

*Longe, bem longe de nossa trilha,
Fazendo fugir o coelho escondido,
Vendo o gamo, no espelho das fontes,
Admirar sua grande galhada inclinada,
E, depois, para casa, bem felizes,
Enlaçando os dedos nos cestos,
Retornaremos, trazendo morangos,
Retornaremos, trazendo morangos silvestres.*

2. O ESPECTRO DA ROSA

*Levanta tuas pálpebras fechadas,
Onde aflora um sonho virginal,
Sou o espectro de uma rosa
Que usavas ontem no baile.
Pegaste-me ainda com as pérolas
De pranto prateado do orvalho,
E na festa estrelada
Carregaste-me a noite inteira.*

*Oh! tu, que de minha morte foste a causa,
Sem que a pudesses evitar,
Todas as noites o meu espectro rosado
À tua cabeceira virá dançar.
Mas não tema, não peço
Nem missa nem De Profundis;
Esse leve perfume é minha alma
E eu venho do Paraíso.*

*Meu destino foi digno de inveja.
Para gozarem de uma sorte tão bela
Muitos teriam dado suas vidas,
Pois sobre teu seio tenho minha tumba,
E sobre o alabastro em que repouso
Um poeta, com um beijo,
Escreveu: "Aqui jaz uma rosa,
Da qual os reis todos terão ciúmes".*

3. SUR LES LAGUNES. LAMENTO

Ma belle amie est morte :
Je pleurerai toujours ;
Sous la tombe elle emporte
Mon âme et mes amours.

Dans le ciel, sans m'attendre,
Elle s'en retourna ;
L'ange qui l'emmena
Ne voulut pas me prendre.

Que mon sort est amer !
Ah ! sans amour, s'en aller sur la mer !

La blanche créature
Est couchée au cercueil ;
Comme dans la nature
Tout me paraît en deuil !

La colombe oubliée
Pleure et songe à l'absent,
Mon âme pleure et sent
Qu'elle est dépareillée.

Que mon sort est amer !
Ah ! sans amour, s'en aller sur la mer !

Sur moi la nuit immense
S'étend comme un linceul ;
Je chante ma romance
Que le ciel entend seul.

Ah, comme elle était belle
Et comme je l'aimais !
Je n'amarais jamais
Une femme autant qu'elle.

Que mon sort est amer !
Ah ! sans amour, s'en aller sur la mer !

4. ABSENCE

Reviens, reviens ma bien-aimée !
Comme une fleur loin du soleil ;
La fleur de ma vie est fermée,
Loin de ton sourire vermeil.

Entre nos cœurs quelle distance ;
Tant d'espace entre nos baisers.
O sort amer ! O dure absence !
O grands désirs inapaisés !

Reviens, reviens ma bien-aimée !... etc.

D'ici là-bas, que de campagnes,
Que de villes et de hameaux,
Que de vallons et de montagnes,
A lasser le pied des chevaux !

Reviens, reviens ma bien-aimée !... etc.

3. NAS LAGUNAS. LAMENTO

*Minha bela amiga morreu,
Eu chorarei para sempre.
Sob a tumba ela leva
Minha alma e meus amores.*

*Ao céu, sem me esperar,
Ela retornou;
O anjo que a levou
Não me quis levar também.*

*Como meu destino é amargo!
Ah! Sem amor, ir-me embora para o mar!*

*A branca criatura
Está deitada no esquife!
Como, na natureza,
Tudo me parece de luto!*

*A pomba esquecida
Chora e pensa na ausente.
Minha alma chora e sente
Que está sozinha.*

*Como meu destino é amargo!
Ah! Sem amor, ir-me embora para o mar!*

*Sobre mim a noite imensa
Estende-se qual mortalha;
Canto minha canção
Que só o céu escuta.*

*Ah! Como era bela
E como eu a amava!
Jamais amarei uma mulher
Tanto quanto a ela.*

*Como meu destino é amargo!
Ah! Sem amor, ir-me embora para o mar!*

4. AUSÊNCIA

*Retorna, retorna, minha querida!
Pois qual flor longe do sol,
A flor da minha vida está fechada,
Longo do teu sorriso encarnado.*

*Que distância entre nossos corações!
Tanto espaço entre nossos beijos!
Ó destino amargo! Ó dura ausência!
Ó grandes desejos insatisfeitos!*

Retorna, retorna, minha querida!... etc.

*Daqui até lá apenas campos,
Apenas cidades e aldeias,
Apenas vales e montanhas,
De cansar as patas dos corcéis!*

Retorna, retorna, minha querida!... etc.

5. AU CIMITIÈRE. CLAIR DE LUNE

Connaissez-vous la blanche tombe,
Où flotte avec un son plaintif
L'ombre d'un if ?
Sur l'if, une pâle colombe,
Triste et seule, au soleil couchant,
Chante son chant.

Un air maladivement tendre,
A la fois charmant et fatal,
Qui vous fait mal,
Et qu'on voudrait toujours entendre,
Un air, comme en soupire aux cieux
L'ange amoureux.

On dirait que l'âme éveillée
Pleure sous terre à l'unisson
de la chanson,
Et du malheur d'être oubliée,
Se plaint dans un roucoulement
Bien doucement.

Sur les ailes de la musique
On sent lentement revenir
Un souvenir ;
Une ombre, une forme angélique
Passe dans un rayon tremblant,
En voile blanc.

Les belles de nuit, demi-closes,
Jettent leur parfum faible et doux
Autour de vous,
Et le fantôme aux molles poses
Murmure en vous tendant les bras :
"Tu reviendras !"

Oh ! jamais plus, près de la tombe,
Je n'irai, quand descend le soir
Au manteau noir,
Ecouter la pâle colombe
Chanter, sur la pointe de l'if,
Son chant plaintif.

5. NO CEMITÉRIO. LUAR

*Conheceis a branca tumba,
Sobre a qual flutua com som plangente
A sombra de um teixo?
Sobre o teixo, uma pomba pálida,
Triste e só ao sol poente,
Canta seu canto.*

*Um canto, morbidamente terno,
A um só tempo encantador e fatal,
Que vos faz mal,
E que se haveria de querer sempre ouvir,
Um canto como o que suspira nos céus
O anjo amoroso.*

*Dir-se-ia que a alma despertada
Chora, sob a terra, em unísono
Com a canção,
E, da infelicidade de ser esquecida,
Queixa-se em um arrulho,
Bem docemente.*

*Sobre as asas da música
Sente-se lentamente retornar
Uma lembrança.
Uma sombra, uma forma angelical
Passa num raio de luz fremente,
Sob um véu branco.*

*As flores noturnas, entreabertas,
Lançam seu perfume débil e doce
Em torno de vós,
E os fantasmas de lânguidas posturas
Murmuram-vos, estendendo os braços:
"Retornarás!"*

*Oh! Nunca mais, para perto da tumba
Eu irei, quando desce a noite
De manto negro,
Escutar a pálida pomba
Cantar sob o cume do teixo
Seu canto queixoso!*

6. L'ÎLE INCONNUE

Dites, la jeune belle !
Où voulez-vous aller ?
La voile enfle son aile,
La brise va souffler !

L'aviron est d'ivoire,
Le pavillon de moire,
Le gouvernail d'or fin ;
J'ai pour lest une orange,
Pour voile une aile d'ange ;
Pour mousse un séraphin.

Dites, la jeune belle, (etc.)

Est-ce dans la Baltique ?
Dans la mer Pacifique,
Dans l'île de Java ?
Ou bien est-ce en Norvège
Cueillir la fleur de neige,
Ou la fleur d'Angoska ?

Dites, dites, la jeune belle,
Dites, où voulez-vous aller ?

Menez-moi, dit la belle,
A la rive fidèle
Où l'on aime toujours.
Cette rive, ma chère,
On la connaît guerre
Au pays de l'amour.

Où voulez-vous aller ?
La brise va souffler.

6. A ILHA DESCONHECIDA

*Diz-me, bela jovem,
Para onde queres ir?
A vela infla sua asa
E a brisa vai soprar!*

*O remo é de marfim,
A bandeira furta-cor,
O leme de ouro fino;
Tenho uma laranja como lastro,
Como vela uma asa de anjo;
Como grumete um serafim.*

Diz-me, bela jovem, (etc.)

*Será para o Báltico
Para o oceano Pacífico,
Para a ilha de Java?
Ou, então, seria melhor ir à Noruega,
Colher a flor da neve,
Ou a flor de Angoska?*

*Diz-me bela jovem,
Para onde queres ir?*

*"Leva-me", diz a bela,
"Para a praia fiel,
Onde o amor é para sempre".
Essa praia, minha cara,
Não se conhece bem
No país dos amores.*

*Para onde queres ir?
Logo a brisa vai soprar!*

César Franck (1822 – 1890)

Le Chasseur Maudit (O Caçador Maldito), Poema Sinfônico

O poema sinfônico foi o gênero orquestral que Franz Liszt (1811 – 1883) criou, escrevendo 13 deles a partir de 1848. Como “música de programa”, o poema sinfônico pretendia, com meios exclusivamente instrumentais, narrar uma história, expressar idéias filosóficas, ilustrar uma personagem ou um quadro das artes plásticas, referir-se a um poema ou a uma peça teatral. Do ponto de vista formal, o poema sinfônico era notavelmente livre, afastando-se dos esquemas tradicionais e, não raro, organizado como uma rapsódia ou fantasia. Mas muitos deles foram escritos empregando formas já consagradas pela tradição, como sinfonia e tema com variações.

Na França, durante o Romantismo, foram vários os compositores que escreveram poemas sinfônicos, dentre os quais se destacaram Saint-Saëns, Duparc e Chausson. César Franck dedicou-se ao gênero com gosto, deixando-nos quatro exemplares de inspiração e dimensões variadas. Cronologicamente, o segundo deles é O Caçador Maldito, de 1882, que ilustra uma balada de G. Bürger de sabor fantasmagórico e medieval. A obra fez enorme sucesso em sua estréia parisiense, em 1883, e rendeu ao autor demorada e entusiasmada ovação.

César Franck encarregou-se de parafrasear o trecho da balada de Bürger, que mandou imprimir à testa de sua partitura. Eis um resumo: em uma manhã de domingo, um conde da região do rio Reno, na atual Alemanha, se esquece de seus deveres espirituais e resolve, impetuoso, ir à caça. O som da trompa do aristocrata se mistura ao bimbalar dos sinos e às preces cantadas na igreja. Sozinho no meio da floresta, o caçador tem sua aventura interrompida: seu cavalo empaca e sua trompa silencia. Uma voz do além o amaldiçoa para sempre e, em meio a chamuscas, decreta que o conde será perseguido pelas criaturas infernais por toda a eternidade. O nobre foge velozmente como um louco e passa a ser perseguido, sem trégua, por criaturas demoníacas.

A música, encadeada em quatro episódios principais, segue de perto o decorrer da narrativa. No *Andantino quasi allegretto* inicial (em Sol maior) ouvem-se o som da trompa do maldado herói, que modulará para várias tonalidades, e o tema de caráter religioso, enunciado pelos violoncelos. Logo depois, tem-se a imagem (em um *Allegro* em Sol menor) da caçada propriamente dita, de grande ímpeto, intercalada de lamentações dos camponeses horrorizados. O terceiro episódio (*Lento*) mostra-nos o conde em sua solidão, presa de grande ansiedade, sensação acentuada por uma grave intervenção da tuba. Essa seção se liga diretamente à demoníaca cavalgada noturna (*Presto*), que encerra o poema sinfônico em atmosfera de intenso terror, com um *fortissimo* a cargo de toda a orquestra.

François-René Tranchefort, estudioso do Romantismo francês, fez este balanço de *Le Chasseur Maudit*: “Densidade temática e implacável do discurso, vigor rítmico, clareza, variedade

colorística da orquestração – a obra possui um inegável poder evocativo, está à altura da soberba lenda germânica e é digna de figurar mais do que honrosamente entre os grandes poemas sinfônicos do século romântico”.

Hector Berlioz (1803 – 1869) Les Nuits d'Été (As Noites de Verão)

Na época em que Berlioz viveu, as décadas centrais do século XIX, a “canção artística” (*Lied* em alemão, *mélodie* em francês) consistia na musicalização de um texto poético destinada a uma voz com acompanhamento instrumental – em geral piano ou, então, guitarra ou harpa. Berlioz outorgou uma nova dimensão a esse gênero, ao enfeixar várias canções em um “ciclo” delas, reunidas geralmente pela temática literária e, mais do que tudo, ao entregar a função de acompanhamento a toda uma orquestra. Essa inovadora concepção faria escola, resultando em canções com acompanhamento orquestral assinadas, dentre outros, por Chausson, Strauss e Mahler.

Les Nuits d'Été, colocação em música de seis poemas do amigo Théophile Gautier, foram publicadas em 1841, em versão para voz e piano. Mais tarde, em 1856, o compositor providenciou acompanhamento orquestral para elas, em um trabalho feito com graça e economia e no qual a mão genial do orquestrador se revela na delicadeza e no refinamento dos detalhes. Por ostentarem o aspecto de uma coleção de canções inter-relacionadas, perfazendo assim a idéia de um “ciclo”, elas soaram como uma autêntica novidade na época.

Na primeira canção, na qual a música tem um tom algo dançante e voluntarioso, o texto faz referências ao feliz encontro amoroso na nascente primavera. Isso em três estrofes variadas, de clima alegre, e por meio da estrutura arcaica de um velho esquema poético, o da *villanella* italiana. A segunda canção dá voz à rosa que, já fanada, vem falar do privilégio de ter embelezado o seio da heroína do poema por uma noite inteira, transformando-se assim em motivo de ciúmes até de reis. Sua música comporta grande expansão lírica, com uma bela melodia enunciada logo em seu início e um tema de caráter religioso no final. Vem em seguida um lamento feito em meio a uma paisagem de lagunas, à beira mar, um pedido do eu-poético para que a amada morta volte para ele, que exclama: “Como minha sorte é amarga!” A música que Berlioz providenciou para esse lamento tem algo de teatral, e seu aspecto é mais sinfônico do que propriamente de canção de câmara. A quarta canção, intitulada Ausência, também é um reiterado pedido do poeta para que a amada volte – “Quanta distância há entre nossos corações!”, considera ele em meio a sentimentos cheios de inquietação. Na penúltima canção tem-se a visão de um cemitério ao luar. Ali, uma pálida pomba canta sua triste canção, enquanto “sobre as asas da música sente-se lentamente retornar uma lembrança”. E o ciclo é encerrado com esse convite para uma viagem à Ilha Desconhecida, situada não se sabe aonde, na qual o par amoroso

pondera se encontrará por fim um porto pacífico para sua paixão. A música acompanha essa euforia motivada pela descoberta de um mundo novo, graças ao colorido feérico dos instrumentos da orquestra magistralmente concebido por Berlioz.

Claude Debussy (1862 – 1918) La Mer (O Mar)

Entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX, três grandes artistas franceses, cada qual com os meios da linguagem que lhes era própria, deixaram para a posteridade suas visões do mar. O pintor Claude Monet, o romancista Marcel Proust e o compositor Claude Debussy trataram dessa matéria inumerável sob óticas tão inovadoras, que suas obras permanecem dignas de admiração até hoje. Isso porque elas ainda conseguem nos proporcionar novos meios de perceber esse fenômeno da natureza, revitalizando assim nossos próprios órgãos de percepção. Por meio desses três geniais artistas, o mar foi transformado em obras de arte cuja materialidade é rica o suficiente para transformá-las em verdade.

A obra inovadora de Debussy continua, em pleno século XXI, a despertar o interesse tanto do público quanto dos estudiosos. A sua é uma produção que parece não possuir nem antepassados nem verdadeiros sucessores; ela configura uma obra solitária, peculiar e, acima de tudo, personalíssima. Como disse Pierre Boulez, esse compositor sem dúvida “possui um poder de sedução misterioso e enfeitiçante.”

Dentro da linguagem de Debussy, requintada ao extremo, a música orquestral ocupa lugar preponderante. Revelando possuir um dos ouvidos mais finos de todos os tempos, o compositor expressou-se no domínio da orquestra de maneira particularmente inovadora. Debussy não questionou a orquestra sinfônica tradicional, mas colocou em termos diferentes seu equilíbrio sonoro. Inimigo confesso de tudo o que pudesse lembrar vulgaridade ou excesso, dividiu as forças instrumentais com tanto refinamento que acabou por inventar uma espécie de orquestra sinfônica de solistas. Foi por isso que ele criou orquestrações tão transparentes, tão cheias de luz difusa. Na conta de suas inovações nesse campo podem ser colocadas: a divisão extrema das cordas, a reabilitação do poder evocativo dos instrumentos de madeira, o uso intenso da surdina na família dos metais e o agenciamento de combinações rigorosamente inéditas de timbres.

Muitos desses procedimentos encontram-se em *La Mer*, partitura portadora de uma matéria sonora muito refinada, que o compositor escreveu sobretudo no campo, entre 1903 e 1905. Nessa obra definitivamente moderna, a permanente mudança de timbres assume papel importantíssimo enquanto parte integrante da própria estrutura formal. Ai, nosso músico se delicia em utilizar o eco artificial, mediante o deslocamento do som pelas várias estantes de instrumentos, e integra a harpa e a percussão à massa orquestral, de maneira a produzir cores sonoras insuspeitadas.

Com sua orquestração multicolorida e pontilhista, Debussy concebeu O Mar como uma sucessão de idéias misteriosamente interligadas que dão movimento a música, sem contudo recorrer ao “desenvolvimento temático” tradicional. Não fazendo repetições literais, seus curtos temas e motivos ainda menores constelam um espaço sonoro que parece ser feito de rebrilhos momentâneos, frutos de uma livre associação de idéias. O discurso, costurado por mãos invisíveis, assume o aspecto de um polifacetado mosaico sonoro. A partir dessa instância por assim dizer molecular, uma célula musical é associada a outras, gerando dessa maneira uma constelação de elementos em permanente movimento, ação que acaba por produzir no ouvinte a sensação da forma.

O título do primeiro movimento – Da alvorada ao meio-dia no mar – sugere uma trajetória, uma progressão, um incessante crescimento da luz musical. Sem se ater a esquemas formais já conhecidos, ele entretanto possui várias partes reconhecíveis: uma nebulosa introdução, quatro episódios contrastantes e complementares – cada um deles aparecendo depois de uma pausa ou, então, após uma mudança do timbre orquestral – e uma *coda* apoteótica (em gesto raríssimo na poética do autor).

Já o segundo “esboço” – Jogos de ondas – denota um espaço-tempo aberto, não dirigido, livre de qualquer trajetória. O que se tem nele é um perpétuo jogo de cores, concretizado graças à utilização de curtos motivos e arabescos sonoros. Disse com muita propriedade o compositor e ensaísta Jean Barraqué: “Esse movimento propõe uma pulverização sonora de tal ordem que o tempo musical se torna quase inapreensível. A continuidade é sem cessar recolocada em evidência, destruída, apagada e retomada”.

O terceiro movimento – Diálogo do vento e do mar – é baseado na idéia de contraste. Mas não contraste temático, e sim contraste de forças – estáticas e dinâmicas. Seu título aponta para sua significação constitutiva: de diálogo estabelecido entre oposições. Dentre as muitas idéias das quais esse movimento é feito, duas delas, mais salientes, encarnam concretamente esse processo dialógico: a primeira gera a sensação de puro movimento, de um circular redemoinho girando sobre si mesmo; a outra se distende no espaço-tempo por causa de sua natureza mais cantável, mais facilmente identificável como “tema”, como “linha melódica” que se ouve passar. (*La Mer* é a única obra importante de Debussy que termina com a orquestra em *fortissimo*, em uma feérica *coda*).

Hector Berlioz (1803 – 1869)

Le Carnaval Romain (O Carnaval Romano), opus 9

Assim como Delacroix foi o inventor do novo colorido da pintura do Romantismo, Berlioz tornou-se o criador da nova orquestra romântica – hipercolorida e espetacular. Suas inovações nesse domínio foram de tal ordem que o levaram a escrever um “Grande Tratado de Instrumentação e Orquestração Modernas”. Além disso, suas experiências nesse campo foram tão profundas que haveriam de influenciar várias gerações posteriores de músi-

cos, de Rimsky-Korsakov a Richard Strauss e Gustav Mahler. Obra-chave da moderna orquestra proposta por ele é a Sinfonia Fantástica, *opus 14* (1830), mas o compositor não economizaria suas descobertas sonoras em outras tonitruantes peças orquestrais, várias delas ainda hoje muito apreciadas.

A fartura do colorido orquestral da paleta de Berlioz é bastante notável na “abertura característica” Carnaval Romano, *opus 9*, de 1844. Ela foi a segunda *ouverture* escrita para *Benvenuto Cellini*, ópera composta alguns anos antes. Graças ao brilho instrumental, ao tom mais do que animado da música e ao seu poder comunicativo, essa Abertura continua a possuir uma verdadeira legião de admiradores. O material nela empregado, aliás, provém da referida ópera: de um duo de amor entre *Cellini* e *Teresa*, e do grande coro do Carnaval. A peça é iniciada de maneira festiva com um curto *Allegro con fuoco*, que contém algo do clima de colossal agitação que mais tarde tomará conta de tudo. Mas nesse início um forte contraste é logo estabelecido, graças à apresentação do tema de amor, obviamente bastante lírico e em compassado *Andante sostenuto*. Aí, um apaixonado solo de corne inglês desfia sua melodia longa e cantante, apoiado primeiro pelas cordas, depois pelos metais. A música ganha intensidade, voltando logo a se acalmar. Por fim, a orquestra toda se lança ao tema do *Allegro* do início, agora mostrado na íntegra e, desta vez, apoiado em um saltitante ritmo de *saltarello* italiano. Esses dois temas – o da festa coletiva do Carnaval e o pertencente ao idílio amoroso do par de heróis do espetáculo – passam a ser alternados em uma seqüência de reexposições rebrilhantes e de sonoridades variadas, algumas delas colossais. O sucesso dessa Abertura em sua estréia parisiense foi tal que ela teve de ser bisada.

César Franck (1822 – 1890)

Sinfonia em Ré menor

Belga nascido em Liège, Auguste César Franck desenvolveu sua carreira de professor, organista e compositor em Paris, na França, onde foi transformado em glória nacional da música. Foi ali que ele pode fazer frutificar seu gênio, tornando-se muito respeitado não só por sua produção, como também por suas postulações estéticas, que tiveram muitos seguidores. Sua música é uma constante reflexão criativa acerca das formas recebidas da tradição, sabiamente reelaboradas por seu gênio peculiar. Essa música fundamenta-se na riqueza melódica: nela, a melodia é abundante e flexível, dona de contornos e inflexões pessoais. Além disso, a melodia assenta-se sobre uma harmonia muito trabalhada, freqüentemente imprevista, resultado do jogo estabelecido entre as várias vozes – instrumentais ou não – postas em um tecido polifônico.

Um dos traços fundamentais da linguagem musical de César Franck é o princípio cíclico. Segundo esse ponto de vista, uma vez elaborado um motivo – ou um restrito número de motivos –, este é empregado como base de todas as partes de uma composição em vários movimentos (um concerto, uma sonata ou uma

sinfonia, por exemplo). Esse motivo-chave concorre, portanto, para dar unidade às várias seções, servindo de “guia” para o ouvinte. Um dos grandes feitos de César Franck foi exatamente o de ter conseguido elaborar motivos-chaves próprios para serem não apenas variados, como verdadeiramente transfigurados e que, por mais que se distanciassem dos originais, continuassem a ser reconhecidos em sua individualidade.

Foi no final de sua vida que César Franck escreveu algumas de suas mais belas obras. Esse é o caso da Sinfonia em Ré menor, composta entre 1886 e 1888. O próprio compositor era da opinião que sua partitura tinha uma fatura ligada às formas tradicionais. São palavras suas: “Ela é uma sinfonia clássica. No início do primeiro movimento, encontra-se uma *reprise*, como se fazia outrora, a fim de melhor afirmar os temas; mas ela está em outra tonalidade. Em seguida vêm um *Andante* e um *Scherzo*, ligados um ao outro. Desejei-os de tal forma que cada compasso do *Andante* equivalesse a um compasso do *Scherzo*, a fim de que este pudesse, depois do desenvolvimento emparelhado das duas seções, superpor-se ao primeiro. Consegui resolver bem meu problema. O *Finale*, tal como na Nona (de Beethoven), evoca todos os temas. Mas eles não aparecem como citações. Fiz algo mais com eles: aí eles desempenham o papel de elementos novos”.

A Sinfonia em Ré menor foi estreada em fevereiro de 1889. Recebeu fria acolhida por parte do público, algo que o autor não chegou a perceber. A um dos poucos amigos receptivos à nova partitura ele exclamou: “Que bela sonoridade! Exatamente como eu esperava. E que acolhida!” Na verdade, muitas críticas negativas foram feitas a essa obra que, no presente, é parte integrante do repertório da maioria das grandes orquestras do globo. Na época, considerou-se sua orquestração pesada demais, espessa como a de um organista de fraca imaginação instrumental. A presença do corne inglês no segundo movimento também motivou a crítica daqueles que consideravam o timbre desse instrumento indigno de figurar em uma sinfonia que se desejava séria. Por fim, lançou-se mão do lugar-comum segundo o qual a obra seria “emocionalmente forte, mas estruturalmente fraca”, algo que alguns comentaristas continuam a afirmar ainda hoje. A verdade é que, ao lado do impacto emocional que ela costuma provocar sobre o público, a Sinfonia em Ré menor é dona de bela arquitetura: o princípio cíclico e o cromatismo dão a ela um irresistível movimento, uma inquestionável direção. Depois, o combinar dos dois movimentos mediais a fim de engendrar um novo empresta à partitura um sabor de novidade que, ainda hoje, surpreende e encanta o ouvido atento.

O primeiro movimento da Sinfonia, *Lento – Allegro non troppo*, parte de uma introdução lenta, em tom menor, na qual é posto um dos motivos-chaves da partitura, o interrogativo motivo das cordas graves. A essa indagação repleta de ansiedade responde uma linha melódica mais expansiva, entregue aos violinos. Essa parte é reprisada. Através de um *crescendo* muito expressivo, chega-se ao animado *Allegro*, elaborado em forma-sonata (Exposição, Desenvolvimento, Recapitulação e *Coda*, sobre alguns poucos

temas). Aí, o primeiro tema reaparece, já algo modificado, nas cordas, com fortes marcações dos sopros. Ele logo recebe a companhia de idéias de apoio, algumas mais melódicas, outras mais marcadamente rítmicas. A partir de duas tonalidades básicas – Ré menor e Fá menor –, o compositor passa a explorar, através de modulações, um largo campo harmônico. É dessa reunião de materiais que o discurso segue seu curso colorido e acidentado. Um motivo especialmente notável, o qual se convencionou chamar de “motivo da fé”, é mostrado pelas madeiras agudas, levando a música a um poderoso clímax. O movimento passa a viver das poderosas contraposições estabelecidas entre os dois andamentos de base – *Lento e Allegro* – até que, de maneira concentrada, as principais idéias elaboram uma *coda*, finalização especialmente apoteótica dada ao movimento, em Ré maior.

O *Allegretto* que vem em seguida associa dois dos movimentos da sinfonia tradicional, um *Andante* e um *Scherzo*. Alguns de seus temas são transformações dos já apresentados no primeiro movimento. A seção é iniciada com uma dança lenta: sobre a trama delicada dos *pizzicatti* das cordas e os acordes da harpa, o corne inglês esparrama seu lindo tema. O violoncelo vem proporcionar um contracanto a ele, que é logo tomado pela clarineta e pela trompa. Um novo motivo aparece nas cordas, e o tema inicial é retomado em seguida. Chega-se assim ao *Scherzo*, dominado pelo tema dado por duas clarinetas, sobre figurações dos violinos. A partir daí, temos variações e uma feliz exploração dos materiais apresentados até o momento. Com mão segura e mente imaginativa, o compositor leva sua música a várias tonalidades distintas, dando a ela cores tonais bastante diferenciadas. Na parte final do *Allegretto*, a atmosfera se torna mais apaixonada antes que ele seja encerrado, de maneira apaziguada.

O *finale* é um animado *Alegro non troppo* aberto por acordes em *fortissimo* de toda a orquestra. Surge então, nos violoncelos e fagotes, o expansivo tema principal da Exposição desse movimento, uma das mais belas melodias criadas por César Franck. De enorme vitalidade, esse motivo leva a orquestra inteira a um clímax, depois do qual é apresentado pelo trompete, harmonizado por outros sopros, o segundo tema importante do movimento. Quando esses materiais são explorados, no Desenvolvimento, começam a aflorar no discurso os temas principais de todos os movimentos anteriores, em uma procissão articulada com notável criatividade. Após a curta Recapitulação, chega-se a uma elaborada *coda* que reúne todas as idéias fundamentais da obra, inclusive o “motivo da fé” enunciado em seu início. A partitura é encerrada com um impulso vitorioso, em um exultante Ré maior.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição
Projeto gráfico
Traduções
Tradução dos poemas
Editoração eletrônica
Prepress e impressão

RUI FONTANA LOPEZ
CARLO ZUFFELLATO
PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA
EDUARDO BRANDÃO
J. JOTA DE MORAES
BVDA / BRASIL VERDE
GARILLI